

3. O sentido da vida

Richard Taylor

A questão de saber se a vida tem algum sentido é difícil de interpretar, e quanto mais concentramos nela a nossa capacidade crítica mais parece escaparmos, ou evaporar-se como questão inteligível. Queremos afastá-la, por ser uma fonte de embaraço, por ser algo que, se não pode ser abolida, deve pelo menos ser escondida por pudor. E contudo penso que qualquer pessoa dada à reflexão reconhece que a questão que se levanta é importante, e que devia ter uma resposta significativa.

Se a ideia de sentido é difícil de apreender neste contexto, de modo que ficamos na dúvida sobre que tipo de coisa poderia constituir uma resposta à questão, a ideia de ser destituído de sentido talvez o seja menos. Se, portanto, podermos invocar uma imagem clara de uma existência destituída de sentido, então talvez possamos dar um passo na direcção de conseguir lidar com a nossa questão original, vendo em que medida as nossas vidas, tal como realmente são, se assemelham a essa imagem, e tirando as lições que conseguirmos dessa comparação.

Existência sem sentido

Uma imagem perfeita de uma existência sem sentido, do tipo que procuramos, encontra-se no mito de Sísifo. Sísifo, recorde-se, traiu os segredos divinos divulgando-os aos mortais, e por isso foi condenado pelos deuses a carregar uma pedra até ao cimo de uma montanha, voltando imediatamente a pedra a cair, para Sísifo a carregar outra vez até ao cimo, caindo outra vez, e assim por diante, uma vez e outra, *para sempre*. Ora, temos aqui a imagem de uma labuta destituída de sentido, despropositada, uma existência destituída de sentido que *nunca* é redimida. Não é sequer redimida por uma morte que, ainda que nada mais alcançasse, encerraria pelo menos este ciclo idiota. Se nos pedissem para imaginar que Sísifo lutava durante um tempo, sem nada conseguir, acabando talvez por cair de exaustão, de modo que pudéssemos supor que então ele se voltaria para algo que

fosse de algum modo prometedora, então a ausência de sentido desse capítulo da sua vida não seria tão tenaz. Seria um sonho sombrio e medonho, do qual ele acaba por acordar para a luz do Sol e para a realidade. Mas não acorda, pois nada há em nome do qual possa acordar. A labuta repetitiva é a sua vida e a sua realidade, e continua para sempre, e não tem qualquer sentido. Nada advém do que faz, excepto simplesmente mais do mesmo. Nem com um passo, nem com mil, nem com dez mil consegue Sísifo sequer expiar por pouco que seja o pecado cometido contra os deuses que o conduziu a este destino. Nada resulta disso, absolutamente nada.

Este mito antigo sempre encantou as pessoas, pois pode-se-lhe atribuir incontáveis significados. Alguns dos antigos pensavam aparentemente que simbolizava o perpétuo nascer e pôr-do-sol, e outros as ondas que repetidamente se desfazem contra a praia. Provavelmente a interpretação mais comum é que simboliza a nossa labuta eterna e o nosso espírito insaciável, a nossa determinação constante para voltar a tentar perante o desencorajamento esmagador. Esta interpretação é sustentada também pela versão do mito segundo a qual ordenaram a Sísifo que carregasse a pedra para até ao cimo do monte para que esta caísse para o outro lado, coisa que nunca consegue fazer.

Contudo, não me compete interpretar ou defender qualquer interpretação deste mito. Citei-o apenas em virtude do elemento que contém inequivocamente, nomeadamente, uma actividade repetitiva, cíclica que nunca resulta em coisa alguma. Poderíamos forjar outras imagens que serviriam igualmente bem, e não precisamos de criadores de mitos para fornecer os materiais. Assim, podemos imaginar duas pessoas carregando uma pedra — ou até uma pedra preciosa, não interessa — para trás e para a frente, à vez. Uma delas carrega-a para um ponto próximo ou distante, onde é recebida pela outra; é levada para o ponto de partida, para ser recolhida pela primeira, e o processo repete-se uma e outra vez. Excepto que aqui nada conta como triunfo, e nada faz acabar a competição, conduzindo cada um dos passos apenas à sua repetição. Podemos imaginar dois grupos de prisioneiros, entregando-se um deles à escavação de um buraco prodigioso no chão que, mal chegam ao fim, é tapado novamente pelo outro grupo, que cava então um novo buraco que é logo tapado pelo primeiro grupo, e assim por diante sem fim.

Ora bem, o que sobressai em todas estas imagens como opressivo e desanimador não é qualquer tortura ou dor sofrida pelos seres que desempenham

estes papéis, pois não é preciso pressupor que isso acontece. Nem é o facto de os seus trabalhos serem imensos, pois não são maiores do que os trabalhos comumente levados a cabo pela maior parte das pessoas a maior parte do tempo. De acordo com o mito original a pedra é tão grande que Sísifo nunca consegue carregá-la até ao cimo do monte e tem de gemer a cada passo, de modo que o seu imenso labor é totalmente em vão. Mas não é isto que provoca consternação. Não é o facto de esta imensa luta dar em nada, mas o facto de a sua própria existência ser destituída de qualquer sentido. Mesmo que suponhamos, por exemplo, que a pedra não passa de um seixo que pode ser levada sem esforço, ou que os buracos cavados pelos prisioneiros são pequenos, não se introduz nas suas vidas o mais pequeno sentido. A pedra que Sísifo transporta para o cimo do monte, concebamo-la como grande ou pequena, cai para o mesmo sítio de todas as vezes, e o processo repete-se para sempre. Não dá em coisa alguma, e o trabalho é simplesmente despropositado. Este é o elemento do mito que quero captar.

Uma vez mais, não é o facto de os labores de Sísifo continuarem para sempre que os priva de sentido. É antes o que isso implica: que não dão em coisa alguma. A imagem não mudaria supondo que ele carregava uma pedra diferente de cada vez, caindo todas uma vez mais. Mas se supusermos que estas pedras, em vez de caírem outra vez para os seus lugares de origem, como se nunca tivessem sido deslocadas, são reunidas no cimo do monte sendo aí incorporadas, digamos, num templo belo e duradouro, então o aspecto da ausência de sentido desaparece. Os seus trabalhos terão então um propósito, algo resultará deles, e apesar de se poder perfeitamente dizer que não valem a pena, não se poderá dizer que a vida de Sísifo é totalmente destituída de sentido. O sentido terá pelo menos aparecido brevemente, e poderemos ver o que é.

É importante sublinhar este aspecto. Mas, entretanto, vejamos outra maneira de alterar a imagem de falta de sentido fazendo apenas uma pequena modificação. Suponhamos que os deuses, apesar de condenarem Sísifo ao destino descrito, ao mesmo tempo, como uma ideia de última hora, fazem-se perversamente passar por misericordiosos implantando-lhe um impulso estranho e irracional; nomeadamente, um impulso compulsivo para carregar pedras. Se quisermos, para tornar isto mais vívido, podemos supor que efectivam isto introduzindo-lhe uma substância que tem esse efeito no seu carácter e nas suas motivações. Digo que isto é perverso porque do nosso ponto de vista não há claramente qualquer razão para alguém ter um desejo persistente e insaciável para fazer algo tão

despropositado. Contudo, suponha-se que este é o estado em que Sísifo se encontra. Só tem uma obsessão, empurrar pedras, e é uma obsessão que só é saciada por momentos ao empurrá-las — mal chega com uma pedra ao cimo do monte, fica com vontade de carregar mais uma.

Ora bem, é visível por que razão esta ideia de última hora dos deuses, a que chamei perversa, é de facto também misericordiosa. Pois ao fazê-lo conseguiram dar a Sísifo precisamente o que ele quer — ao fazê-lo querer precisamente o que lhe infligem. Por mais que nos pareça o contrário, o destino de Sísifo não lhe parece agora uma condenação, mas precisamente o inverso. O seu único desejo na vida é carregar pedras, e é-lhe garantida em absoluto a sua realização sem fim. Ao passo que de contrário Sísifo poderia desejar profundamente o fim, e até acolher de bom grado que a quietude da morte o libertasse do aborrecimento sem fim e da falta de sentido, a sua vida é agora plena de missão e sentido, e aos seus próprios olhos parece ter-lhe sido concedida a entrada no Céu. Sísifo não tem sequer de recear a morte, pois os deuses prometeram-lhe uma oportunidade sem fim para se entregar ao seu único propósito, sem preocupações ou frustrações. Poderá carregar pedras *para sempre*.

O que temos de sublinhar cuidadosamente neste ponto é que a imagem com que começámos não mudou de facto minimamente ao acrescentar esta suposição. Acontecem exactamente as mesmas coisas que antes. A única mudança é na perspectiva que Sísifo tem delas. A imagem anterior era a da actividade e existência destituídas de sentido. Foi criada precisamente para ser a imagem disso. Não perdeu essa falta de sentido, não ganhou agora o mínimo vestígio de sentido. As pedras caem como antes para o mesmo lugar, cada fase da vida de Sísifo parece-se ainda exactamente com todas as outras, a tarefa nunca é concluída, nada resulta dela, nenhum templo começa a erguer-se, e todo este ciclo da mesma coisa despropositada uma vez e outra continua para sempre nesta imagem, tal como na outra. A *única* coisa que aconteceu foi isto: fez-se Sísifo reconciliar-se com o seu destino, e até mais do que isso, fez-se Sísifo abraçá-lo. Contudo, isso não foi feito por via da razão ou da persuasão, mas por nada mais racional do que o poder de uma substância nova nas suas veias.

A falta de sentido da vida

Penso que o atrás exposto dá um conteúdo razoavelmente claro à ideia de falta de sentido e, através dela, sugere o que poderá ser a falta de sentido, nesta acepção. A falta de sentido é essencialmente despropósito sem fim, e o sentido é portanto o oposto. Uma actividade, e mesmo uma actividade longa, prolongada e repetitiva, tem sentido se tem um culminar significativo, um fim mais ou menos perdurável que se possa considerar ter sido a direcção e propósito da actividade. Mas as descrições até agora fornecem também algo mais; nomeadamente, a sugestão de como uma existência que é objectivamente destituída de sentido, nesta acepção, pode contudo adquirir sentido para o sujeito dessa existência.

Perguntemos agora o seguinte: qual destas imagens é parecida com a vida? Não comecemos como as nossas próprias vidas, pois neste caso tanto os nossos preconceitos como os nossos desejos são muitos; comecemos antes com a vida em geral, que partilhamos com o resto da criação. Descobriremos, penso, que toda a vida tem um certo padrão e que este padrão é nesta altura já facilmente reconhecível.

Podemos começar em qualquer parte, desde que deixemos a vida humana para o fim. Podemos, por exemplo, começar com qualquer animal. Não interessa onde começamos, porque o resultado será exactamente o mesmo.

Assim, por exemplo, há cavernas na Nova Zelândia, profundas e escuras, cujo chão é constituído por lagoas serenas e cujas paredes e tectos estão cobertos de uma luz suave. Enquanto apreciamos maravilhados na quietude destas cavernas, parece que o Criador reproduziu aqui em microcosmo os próprios Céus, até quase esquecermos a presença envolvente das paredes. À medida que olhamos mais de perto, contudo, tudo se explica. Cada ponto de luz identifica um verme feio, cuja cauda luminosa serve para atrair insectos da escuridão circundante. Quando de tempos a tempos um destes insectos se aproxima, enreda-se numa teia peganhenta produzida pelo verme, e é comido. Isto continua mês após mês, permanecendo o verme cego naquela quietude estéril à espera de apanhar um pedaço ocasional de alimento que só o sustenta até outro pedaço aparecer e até... até o quê? Que coisa grandiosa aguarda este esforço longo e repetitivo que o faça valer a pena? Nada, na verdade. A larva limita-se a transformar-se por fim num adulto alado minúsculo que nem sequer tem boca para se alimentar e vive apenas um ou dois dias. Estes adultos, assim que acasalam e põem ovos, são apanhados

nas teias e devorados pelos vermes canibais, muitas vezes sem se terem aventurado na luz do dia, uma vez que já cumpriram a única razão de ser da sua existência. Isto é assim há milhões de anos, e sem qualquer outro fim que não o de que o mesmo ciclo destituído de sentido possa continuar por mais milhões de anos.

Todas as coisas vivas apresentam essencialmente o mesmo espectáculo. O verme de uma certa cigarra desaparece na escuridão da Terra durante dezassete anos, ao longo de estações e estações, emergindo finalmente à luz do dia para voar brevemente, pôr os seus ovos e morrer — repetindo-se isto nos próximos dezassete anos, e assim por diante até à eternidade. Já fizemos notar, a respeito de outro assunto, as labutas dos peixes, que só existem para que outros possam fazer o mesmo depois deles e para que este ciclo, que não tem qualquer razão de ser além de si mesmo, possa repetir-se. Algumas aves percorrem um hemisfério inteiro do globo todos os anos, regressando depois só para garantir que outros possam seguir o mesmo caminho incrivelmente longo uma e outra vez. Somos levados a perguntar qual é a razão de ser de tudo isto, com que grandioso triunfo poderia culminar finalmente este esforço incessante que se repete ao longo de milhões de anos, e por que razão haverá de continuar tanto tempo, sem nada efectivar, chegando a nenhures. Mas então percebe-se que não tem qualquer razão de ser, que na realidade culmina em nada, que a cada um destes ciclos, tão plenos de afã, segue-se apenas mais do mesmo. A razão de ser da vida de qualquer ser vivo nada é, evidentemente, senão a própria vida.

Esta vida do mundo apresenta-se assim a si mesma aos nossos olhos como uma vasta máquina, alimentando-se de si mesma, trabalhando continuamente para sempre e para nada. E nós somos parte dessa vida. Claro que não somos exactamente o mesmo, mas as diferenças não são assim tão grandes quanto gostamos de pensar; muitas não passam de invenções, e nenhuma cancela realmente o tipo de ausência de sentido que encontramos em Sísifo e que encontramos por todo o lado, onde quer que algo viva. Temos consciência da nossa actividade. Os nossos objectivos, quer os escolhamos quer não em qualquer acepção significativa, são coisas de que estamos pelo menos parcialmente cientes e podemos consequentemente numa certa acepção avaliar. Mais significativamente, talvez, temos uma história, ao contrário de outros animais, de modo que cada geração não se parece exactamente com as anteriores. Mesmo assim, se pudermos em imaginação libertar as nossas vontades das nossas vidas e não atender ao interesse profundo que todos temos na nossa própria existência, veremos que não são poucas

as semelhanças com Sísifo. Labutamos para alcançar objectivos, a maior parte deles de importância transitória — na realidade, todos — e, mal alcançamos um, lançamo-nos ao seguinte, como se nunca tivesse existido, sendo o seguinte essencialmente mais do mesmo. Olhe-se uma rua movimentada num dia qualquer e observe-se a multidão a andar de cá para lá. Para onde? Um escritório ou loja, onde as mesmas coisas serão feitas hoje como o foram ontem, e são agora feitas para que se possam repetir amanhã. E se pensarmos que, ao contrário de Sísifo, estes labores têm um objectivo, que culminam em algo permanente e, independentemente dos interesses profundos que nós mesmos nutrimos por eles, que valem muito a pena, então não considerámos pura e simplesmente as coisas suficientemente de perto. Tais esforços dirigem-se apenas, na sua maior parte, ao estabelecimento e perpetuação de um lar e da família; isto é, à geração de outros que irão imitar-nos fazendo mais do mesmo. As vidas de todas as pessoas assemelham-se assim a uma das subidas de Sísifo ao cimo do seu monte, e a cada dia é um dos seus passos; a diferença é que enquanto o próprio Sísifo regressa ao ponto de partida para carregar outra vez a pedra, nós deixamos isso aos nossos filhos. A certo momento imaginámos que os labores de Sísifo culminavam finalmente na criação de um templo, mas para que isto fizesse qualquer diferença teria de ser um templo que pelo menos persistisse, acrescentando beleza ao mundo até ao fim dos tempos. As nossas realizações, apesar de muitas vezes serem belas, são na sua maior parte bolhas; e as que persistem, como as pirâmides varridas pelas areias, rapidamente se tornam meras curiosidades enquanto à sua volta o resto da humanidade continua perpetuamente a acrescentar pedras, para as ver cair outra vez. As nações são construídas sobre os ossos dos seus fundadores e pioneiros, mas só para rapidamente se arruïnarem e desfazerem, tornando-se depois o seu entulho a fundação para outros que terão exactamente o mesmo destino. A imagem de Sísifo é a imagem da existência do homem individual, grandioso ou desconhecido, das nações, do género humano e da própria vida do mundo.

Numa estrada de província dá-se por vezes com as estruturas em ruínas de uma casa e de muitas construções, todas a desfazer-se, espalhadas e cobertas de ervas. Um olhar curioso pode reconstruir na imaginação, com base nestas ruínas, uma vida animada e próspera, repleta de propósito. Havia a lareira, onde uma família falou, cantou e fez planos; havia os quartos, onde as pessoas amaram e onde nasceram bebés de uma mãe jubilosa; há os restos bolorentos de um sofá, infestado de bichos, que foi comprado a preço elevado para realçar o conforto, a

beleza e o aconchego cada vez maiores. Todo o pequeno pedaço de tralha preenche a mente com o que, não há muito tempo, foi inteiramente real, com as vozes das crianças, planos e empreendimentos. Foi assim que estas pedras de Sísifo foram carregadas e foi assim que se integraram num templo belo, e é esse templo que agora está perante nós. Entretanto, outras construções, instituições, nações e civilizações nascem por todo o lado, para nada mais senão partilhar o mesmo destino ao fim de não muito tempo. E se se fizer agora a pergunta «Para quê?», a resposta é clara: para que precisamente isto possa continuar para sempre.

As duas imagens — de Sísifo e das nossas próprias vidas, se as observarmos à distância — são em traços gerais a mesma e transmitem ao espírito a mesma impressão. Não é surpreendente, pois, que inventemos maneiras de a negar, proclamando as nossas religiões um Céu que não se desagrega, afirmando os seus hinos e livros de oração a importância da vida — importância de que não vemos o mais pequeno indício.¹ Até as nossas filosofias retratam um bem permanente e duradouro a que todos podem almejar, das formas imutáveis inventadas por Platão à visão beatífica de S. Tomás e aos ideais de permanência forjados pelos modernos. Quando estes não são convincentes, invocam-se então ideais terrenos como a justiça e a irmandade universais, para ficar no seu lugar e dar significado à nossa peregrinação aparentemente sem fim, um qualquer estado final que será introduzido quando se remover o último obstáculo e quando a última pedra for carregada para o cimo do monte. Ninguém acredita, é claro, que um tal estado será final, nem o deseja, não vá dar-se o caso de isso significar que a existência humana deixaria de ser uma labuta; mas entretanto tais ideias respondem a uma necessidade bem real.

O sentido da vida

Vimos que a existência de Sísifo teria sentido se os seus trabalhos tivessem algum objectivo, se os seus esforços culminassem alguma vez em algo que não fosse apenas uma ocasião para outros trabalhos do mesmo tipo. Mas esse é precisamente o sentido de que carece. E a existência humana é parecida com a sua

¹ Um hino cristão popular, cantado por vezes em funerais e típico de muitos hinos, expressa este pensamento: «O pequeno dia da vida desvanece-se célere; / As alegrias da Terra empalidecem e as suas glórias desaparecem; / Tudo o que vejo é mudança e decadência: / Tu, que mudança não conheces, protege-me.»

neste aspecto. Alcançamos realmente coisas — subimos às nossas torres e carregamos as nossas pedras para o cimo dos montes — mas todas essas realizações se desvanecem, proporcionando apenas uma ocasião para outros trabalhos do mesmo tipo.

Mas aqui precisamos de reparar noutra coisa que foi mencionada, e cuja importância não foi explorada: o estado mental e emocional com que nos entregamos a tais trabalhos. Vimos que se Sísifo tivesse um desejo profundo e insaciável de fazer precisamente o que fazia, então, apesar de a sua vida em nada mudar, teria contudo um sentido para ele. Seria irracional, sem dúvida, porque o próprio desejo seria apenas o produto da substância presente nas suas veias, e não o que a razão poderia descobrir, mas teria mesmo assim um sentido.

Na verdade, não seria um sentido incomparavelmente melhor do que o outro? Pois examinemos uma vez mais o primeiro tipo de sentido que teria. Suponhamos que, sem ter qualquer interesse em carregar pedras enquanto tal, e considerando esta labuta um opróbrio, Sísifo tinha mesmo assim um interesse profundo em erigir um templo que fosse belo e duradouro. E suponhamos que era bem-sucedido, que depois de eras de labuta medonha, sempre tendo em vista este resultado final, Sísifo acabava por fim o seu templo, de modo que poderia agora dizer que o seu trabalho terminara, e que poderia descansar e usufruir para sempre do resultado. E agora? Que imagem se apresenta agora aos nossos espíritos? É precisamente a imagem do tédio sem fim! De Sísifo sem nada fazer jamais, contemplando o que já fez e ao qual nada pode acrescentar, e contemplando-o eternamente! Ora, nesta imagem temos um sentido para a existência de Sísifo, um objectivo para a sua labuta prodigiosa, porque o pusemos lá; contudo, ao mesmo tempo, o que vale realmente a pena parece ter desaparecido completamente. Ao passo que antes tínhamos o pesadelo da actividade eterna e desproporcionada, agora temos o inferno da sua ausência eterna.

Assim, a segunda imagem, em que imaginámos Sísifo vítima do desejo irracional de fazer exactamente o que fazia, não deveria ter sido tão abruptamente desqualificada. O sentido que faltava nessa imagem não era o sentido que Sísifo ou qualquer pessoa poderia desejar ardentemente, e o estranho sentido que tinha era talvez precisamente o que procurávamos.

Neste ponto podemos então reintroduzir o que até agora, esperemos, foi resolutamente posto de lado, numa tentativa de ver as nossas vidas e a existência humana com objectividade; nomeadamente, as nossas próprias vontades, o nosso

profundo interesse no que fazemos. Se o fizermos, vemos que as nossas vidas parecem-se realmente ainda com a de Sísifo, mas que o sentido que por isso não têm é precisamente o sentido do tédio infinito. Ao mesmo tempo, o estranho sentido que têm é o da compulsão interna para fazer o que fomos postos aqui para fazer, e para o fazer para sempre. Isto é o mais próximo de ir para o Céu a que podemos almejar, mas o aspecto redentor desse facto é que com isso evitamos um inferno genuíno.

Se os construtores de uma civilização antiga grandiosa e florescente pudessem de algum modo regressar e ver os arqueólogos desenterrando os restos triviais do que eles conseguiram fazer com tanto esforço — fragmentos de potes e vasos, umas quantas estátuas partidas e outros indícios de outra era e de outra grandiosidade — poderiam realmente perguntar-se qual era o propósito de tudo aquilo, dado ser este o seu resultado. Contudo, na altura não viam as coisas dessa maneira, pois era apenas o construir que dava sentido à sua vida, e não o facto de estar finalmente construído. Analogamente, se os construtores do lar e quinta em ruínas que descrevi há pouco pudessem ser trazidos para ver o que resta, sentiriam o mesmo. O que formamos nas nossas imaginações quando vemos aqueles pedaços ferrugentos e em decomposição formar-se-ia nas suas próprias memórias, e certamente que com uma tristeza indizível. O pedaço de trenó no chão reavivaria as suas memórias de um Natal aconchegante. E que memórias abundantes existiriam num berço partido? E os restos cobertos de erva de uma vedação reproduziriam a cena de uma grande manada de gado, tão laboriosamente conquistada ao longo de tantos anos. De que valeu tudo isso, se este é o resultado final? Contudo, uma vez mais, na altura não lhes parecia não valer a pena, ao longo de todos aqueles anos de labuta e trabalhos, e nunca pensaram que estavam a construir um Gibraltar. As coisas que os obrigavam a vergar as costas dia após dia, realizando um a um os seus planos efémeros, eram precisamente as coisas em que tinham interesse, e não havia então qualquer necessidade fazer perguntas. Não há maior necessidade de fazer perguntas agora — o dia foi suficiente para si mesmo, e também a vida o foi.

Esta é certamente a maneira de ver toda a vida — a nossa própria vida, e cada dia e momento que ela contém; a vida de uma nação; da espécie; da vida no mundo; e de tudo o que respira. Mesmo os vermes luminosos que descrevi, cujos ciclos de existência ao longo dos milhões de anos parecem tão despropositados quando os observamos, parecer-nos-ão inteiramente diferentes se conseguirmos

de algum modo tentar ver a sua existência a partir de dentro. A sua actividade sem fim, que conduz a nenhures, é precisamente o que querem fazer. Esta é toda a sua justificação e sentido. Nem seria uma salvação para as aves que percorrem o globo todos os anos, para trás e para a frente, ter um abrigo feito para eles numa gaiola com muita comida e protecção, para que não tivessem mais de migrar. Seria a sua condenação, pois para eles o que conta é o fazer, e não o que esperam obter ao fazê-lo. Voar tais distâncias prodigiosas, nunca parar, é o que lhes corre nas veias, tal como corria nas veias de Sísifo o carregar pedras, sem fim, depois de os deuses se terem feito misericordiosos, implantando nele tal desejo.

Mal respiramos pela primeira vez respondemos à vontade que tínhamos em nós de viver. Como os vermes e as aves, não perguntamos se valerá a pena, ou se algo importante resultará da nossa vida. O propósito da vida é simplesmente viver, do modo como for natural viver. Passamos pela vida construindo os nossos castelos, começando cada um deles a desaparecer no tempo à medida que começa o seguinte; contudo, não seria uma salvação descansar de tudo isto. Seria uma condenação, que não seria redimida mesmo que pudéssemos contemplar as coisas que fizemos, ainda que fossem belas e absolutamente permanentes, coisa que nunca são. O que conta é que devemos poder começar uma nova tarefa, um novo castelo, uma nova bolha. Só conta porque existe para ser feita e temos vontade de a fazer. O mesmo será a vida dos nossos filhos, e dos deles; e se o filósofo tem tendência para ver nisto um padrão semelhante aos ciclos sem fim da existência de Sísifo, e para ficar desesperado, então é porque realmente o sentido e propósito que procura não está aí — felizmente. O sentido da vida está no nosso interior, não é atribuído do exterior, e excede em muito, tanto em beleza como em permanência, qualquer Céu que alguma vez tenha sido sonhado e almejado pelos homens.